

NOTAS SOBRE A OBRA “O MUNDO SE DESPEDAÇA” DE CHINUA ACHEBE

Noshua Amoras de Moraes e Silva

O mundo de Okonkwo, o mundo do clã

É possível imaginar uma paisagem plana, que se estende até perder de vista no horizonte. Um solo por vezes seco, por vezes encharcado – a depender da estação - de onde brotam algumas *compounds*, lócus residenciais de famílias, que reúnem alguns *obis*, casas onde vivem as mulheres e seus filhos, e que são casadas com um mesmo homem. Mas não somente isso. Nos *compounds* existe também uma pequena casa onde um homem guarda seus objetos e cultua seus ancestrais, deuses e deusas. Esses *compounds* convergem em um centro da aldeia, o *ilo*, onde ocorrem lutas, festas, reuniões e, principalmente discursos. Esse cenário é Umuófia, uma aldeia ibo que fica onde hoje chamaríamos de África Ocidental, mais precisamente na Nigéria.

Em um desses *compounds* mora Okonkwo, um homem ibo, de meia idade; um famoso lutador, conhecido pelas aldeias ibo tanto por sua força quanto por seu temperamento explosivo. Okonkwo tem uma vida normal, poderíamos dizer, no que diz respeito ao que pede a tradição da vida em Umuófia: é casado com três mulheres, e com essas tem filhos e filhas; cultiva seus inhames com grande cuidado e dedicação; cultua seus ancestrais; e galga receber os títulos do clã. Entretanto, ao mesmo tempo, Okonkwo é seguido por uma agonia quase sufocante, pois teme que seu filho mais velho, Nwoye, não siga adiante com uma linhagem de homens lutadores; além disso, Okonkwo teve de começar seu cultivo com pouquíssimos inhames, pois nada havia recebido de seu pai, a quem tinha de cultuar e lembrar a contragosto.

Na primeira parte de seu livro, Chinua Achebe apresenta uma narrativa que alterna duas descrições, uma do passado e outra do presente; ou ainda, sobre o próprio Okonkwo e sobre a vida do clã – com isso, o autor vai desenhando o que é a vida em Umuófia. Uma vida que consiste em cultuar seus ancestrais, buscar e respeitar os títulos que se pode obter, respeitar as decisões do oráculo, se relacionar de determinadas maneiras com parentes e afins, cultivar ciclicamente o inhame, atentar para seu *chi*, respeitar e recorrer aos *egwugwu* quando necessário, e etc.

A primeira rachadura no mundo de Okonkwo

Alguém importante, com muitos títulos, havia morrido. Fora Ezeudu, um amigo próximo de Okonkwo. Por isso acontecia em Umuófia o tradicional e frenético funeral: os sons de tambores, tiros de espingardas e canhões se misturavam às vozes das mulheres lamentando, o barulho dos homens correndo, o som dos animais sendo abatidos, e a mais alta de todas, as dos *egwummas*, os espíritos ancestrais. A descrição feita pelo autor consegue alcançar tamanha vivacidade que é difícil distinguir tais sons nessas páginas.

De repente, o fluxo da leitura é interrompido quando um grito destoante anuncia a morte acidental de um menino. A morte havia sido causada pela arma de Okonkwo. Okonkwo parecia não saber, mas a possibilidade de algo ruim acontecer já havia sido anunciada por Chinua Achebe quando, nos dias que antecediam a Festa do Novo Inhame, Okonkwo agrediu brutalmente uma de suas esposas, sabendo que nessa época é irrestritamente proibido a qualquer pessoa de Umuófia que faça mal a alguém de seu próprio clã.

“*Matar um de seus membros [do clã] era um crime contra a deusa terra*” (p. 143) e Okonkwo sabia disso. Pelo fato do homicídio ter sido feminino, um *ochu*, isto é, acidental, Okonkwo e sua família teriam de passar por um período de sete longos anos fora de Umuófia, indo residir no clã de sua mãe, em Mbanta¹.

Tudo havia perdido um pouco do sentido para Okonkwo, até mesmo o trabalho na roça, uma das coisas da qual ele mais se orgulhava, parecia ser em vão e ele já não mais depositava muita energia nessa atividade. Ainda que seu tio materno, Uchendu, procurasse lhe fazer perceber a importância do clã materno na vida de um homem - conseguindo que o filho de sua irmã aceitasse a longa estadia na aldeia e fosse grato a seus parentes maternos - frequentemente Okonkwo era tomado por pensamentos sobre como em Umuófia seu trabalho viria a lhe render seus almeçados títulos, o que não poderia ocorrer em Mbanta. De toda forma, para Okonkwo, parecia que ali “*tudo se romperá*” (p. 151).

Entretanto, Okonkwo não poderia imaginar as próximas fraturas e rompimentos que seu mundo ainda viria a sofrer. Há tempos circulavam histórias sobre um feitiço bastante

¹ Ao que tudo indica, a sociedade ibo é virilocal, ou seja, quando há um casamento é a esposa que muda de residência para a aldeia do marido.

poderoso, um que era capaz de destruir aldeias inteiras, esvazia-las até mesmo de seus animais. E esse feitiço teria sido lançado por um homem branco. Algumas pessoas levavam a sério a história, outras nem tanto. Ninguém, porém, desacreditava dela.

As fraturas surgem no livro de forma abrupta, tal como ela fora sentida pelas pessoas. Elas haviam começado longe dos olhos de Okonkwo, que só fora informado que um grupo de missionários havia se instalado em Umuófia e já haviam lançado seu feitiço: construíram uma igreja e converteram algumas pessoas (em geral aquelas sem títulos).

Pouco tempo depois, o feitiço alcançou Mbanta: o feitiço era proferido no centro da aldeia, onde os missionários diziam da falsidade dos deuses cultuados pelas pessoas. Até aí, porém, o feitiço parecia ser razoavelmente fraco, quase todos achavam que mais cedo ou mais tarde os missionários iriam embora. O feitiço, entretanto, começou a mostrar seus verdadeiros efeitos quando, ao construírem uma igreja no terreno da Floresta Maldita, os missionários nada sofreram. E então, quando Nwoye se junta aos missionários, o feitiço atinge diretamente Okonkwo:

“E se quando ele, Okonkwo, morresse, todos os seus filhos machos resolvessem seguir os passos de Nwoye e abandonassem os ancestrais? Okonkwo sentiu um calafrio diante de tão terrível probabilidade que, para ele, significava uma total aniquilação.” (Achebe, 1958 [2009], p. 174).

Mas, até então, nenhum outro filho de Okonkwo abandonou o clã e ele acabou por reprimir qualquer lembrança de Nwoye como seu filho. O tempo passava e os missionários se estabeleciam aos poucos na aldeia. A situação ia se mantendo aparentemente equilibrada em uma fina e trêmula corda bamba, que fora balançada por três momentos cruciais: a destruição dos altares das divindades por alguns convertidos, a morte da jiboia sagrada e os julgamentos instaurados pelo governo trazido pelos missionários. Com isso vamos chegando ao desfecho do livro.

Quando o mundo de despedaça

O sétimo ano de exílio chega ao fim e Okonkwo pode retornar para Umuófia. Ele era grato aos seus parentes maternos por toda a hospedagem que eles lhe ofereceram, por isso, ofereceu uma grande e farta festa a elas – mas a festa comemorava também, para Okonkwo, sua volta para casa. Seu retorno, entretanto, fora bem diferente do que ele

planejara. Pouco a pouco, encabeçado pelo Sr. Brown, o missionário inglês, a fé cristã do homem branco ganhava novos adeptos na aldeia. Várias pessoas haviam se convertido, inclusive pessoas com títulos, e, além disso, o governo havia se instalado em Umuófia. Obierika explicou à Okonkwo:

“O homem branco é muito esperto. Chegou calma e pacificamente com sua religião. Nós achamos graça nas bobagens deles e permitimos que ficasse em nossa terra. Agora, ele conquistou até nossos irmãos, e o nosso clã já não pode atuar como tal. **Ele cortou com uma faca o que nos mantinha unidos, e nós nos despedaçamos.**” (Achebe, 1958 [2009], p. 198) [grifos meus].

O reverendo Smith havia sucedido o reverendo anterior, o Sr. Brown, que parecia ser minimamente tolerante (o que não lhe fazia melhor em qualquer dimensão) com as práticas de culto do clã. O sucessor era muito mais intolerante e violento e pretendia intensificar as práticas evangelizadoras na aldeia. James Smith “*via o mundo como campo de batalha no qual os filhos da luz estavam sempre travando mortais conflitos contra os filhos da terra*” (p. 206). Com maior ou menor intensidade, é notável a posição dos agentes religiosos ingleses em relação aos cultos das pessoas que, em um tom de desaprovação e dúvida, classificavam-nas como falsas e fetichistas.

Os dias de Okonkwo em Umuófia iam passando. Um rumor estranho circulava por Umuófia: dizia-se que Enoch, filho de um homem de títulos e que havia se convertido fervorosamente, havia matado a jiboia sagrada, uma quebra de tabu sem precedentes. Não contente com esse terrível ato, passível de severas punições, tempos depois Enoch matou um dos *egwugvus* de Umuófia, ao arrancar-lhe sua máscara. Os poderosos espíritos vingaram-se do crime, dirigindo-se à igreja onde Enoch se escondia.

Sr. Smith não parecia levar a sério o mundo de práticas e cultos das pessoas de Umuófia. Entretanto no dia da vingança dos *egwugvus*, ao ter de encarar os espíritos, é possível perceber na fala do missionário alguma coisa próxima ao medo – talvez nesse momento ele tenha percebido (ainda que não necessariamente entendido) um pouco do poder daqueles seres, mas, de toda forma, ele manteve-se firme. Os espíritos entendiam que o Sr. Smith cultuasse seu deus, aprovavam, eles disseram, qualquer culto a um deus, mas constataram: os homens brancos não entendem os costumes, que eles eram tolos por não conhecerem esse modo de vida. De toda forma, os espíritos foram benevolentes: derrubaram a edificação da igreja e deixaram vivo o criminoso.

A justiça feita pelos *egwugwus* pode ter sido mais branda do que normalmente aconteceria em outros tempos, mas ela fora suficiente para despertar um sentimento de reação nas pessoas de Umuófia que, até então, segundo a visão de Okonkwo, haviam entrado em uma espécie de irritante letargia, e quase convivência, ao assistirem passivamente aos missionários invadirem a aldeia. Especialmente em Okonkwo, esse sentimento juntava-se à esperança de que o clã voltasse a ser o que era: um clã guerreiro.

Porém, a felicidade que parecia próxima para Okonkwo, novamente distanciou-se. Sr. Smith relatou o caso para o comissário distrital, este, enganando a todos, tramou a prisão dos líderes de Umuófia, mantendo-os encarcerados por alguns longos e duradouros dias, entre eles, Okonkwo.

De volta a Umuófia, o clã parecia ter voltado ao sentimento letárgico de antes. Mas Okonkwo, com seus cabelos raspados, suas costas esfoladas por chibatadas, o corpo fraco pela falta de comida e água, nutria-se de um sentimento profundo de vingança. Ele estava certo de que, caso o clã não fosse à guerra, ele o faria sozinho.

O clã estava temeroso, não tanto por suporem um maior poder bélico por parte dos colonizadores – isso não chegou a ser uma questão –, mas, principalmente porque eles se viam diante de um problema quase incontornável: guerrear contra os brancos implicava em guerrear contra alguns irmãos do clã, aqueles que haviam se convertido. Mas a situação era tão inédita e alarmante que as pessoas reunidas no *ilo* da aldeia decidiram que aquela era uma nova situação que eles estavam enfrentando, uma que requeria esse tipo de ação para manter a existência do clã. O clã estava próximo de tomar uma decisão, a ida à guerra era quase certa. A excitação de Okonkwo, porém, novamente, não durou tanto assim: a reunião fora interrompida por quatro ou cinco guardas brancos.

A cena é ligeira, curta. Após algumas rudes palavras dos brancos, Okonkwo utilizou de seu facão para cortar a cabeça do guarda que lhe desafiara. A cena parece se congelar: os olhos de Okonkwo fitam o morto, por trás dele, os olhos de seus irmãos de clã lhe fitam. Ninguém se movia; apenas os outros guardas brancos que fugiram rapidamente. Umuófia perdera a chance da vingança, pensou Okonkwo. Esse fora um de seus últimos desgostosos pensamentos, antes dele se enforcar em uma árvore atrás de seu *compound*.

Apontamentos suscitados pela obra

Antes de adentrar ao conteúdo mesmo do livro, há de se notar um fato curioso. O livro em questão fora lançado no ano de 1958 e, desde então, tem sido relançado em diversas línguas devido seu sucesso. Não desejo ingressar em qualquer discussão sobre tradução, suas traições e fidelidades; quero apenas apontar que, no inglês, o nome do livro é “*Things fall apart*”, e sua tradução no português é “*O mundo se despedaça*”. A tradução de *things* por *mundo*, acredito eu, não é tanto equivocada, e nos faz pensar nessa analogia. Isto é, que *mundo* é esse formando por essas *coisas* [*things*]?

O mundo apresentado por Chinua Achebe de fato não é um daquela ordem de um mundo meramente cultural, de representações culturais e sociais - um mundo de, por e para humanos, poderíamos dizer. Creio que o autor se refere a algo um pouco mais complexo que isso e traz para a narrativa outros seres, agências e coisas que, igualmente aos humanos, compõem esse mundo. Falando mais concretamente, esse mundo é o clã, e o clã não é somente composto por pessoas, linhagens e *compounds*, mas é também feito pelos *egwugwu*, ancestrais, oráculos, jiboias. As coisas são, então, o próprio mundo. A descrição da vida de Okonkwo é, ao mesmo tempo, a descrição da vida do clã².

E esta é uma vida permeada de conflitos internos. Conflitos que movem a própria vida. Essa dinâmica, entretanto, quando vista pela ótica do colonizador é classificada como tendo uma suposta falta de centralidade política (nos termos deles). Não à toa, os estudos africanistas dos antropólogos e missionários coloniais – estes mesmos que o autor denuncia nas páginas finais do livro – denominam esses coletivos de “sociedades sem Estado”, e que para poderem *funcionar*, têm o parentesco como forma de organização social, sendo, portanto, e em contraposição as primeiras, “sociedades do parentesco”.

As práticas colonizadoras procuravam exatamente solapar essa dinâmica de vida, lançando mão de mecanismos repressores unificadores para instaurar uma centralidade onde supostamente não havia nenhuma. Além, e por meio, da igreja, a forma Estado-Nação fora um dos mecanismos mais violentos da máquina estatal unificadora, que além de ignorar, procura exterminar toda a dinâmica da vida daquelas pessoas.

² É interessante pensar em como esse esquema não nos permite pensar a relação entre Okonkwo e o clã a partir daquela clássica divisão entre indivíduo e sociedade.

Porém, nas duas últimas páginas do livro Chinua Achebe condensa todas essas máquinas de unificação em uma só, muito mais sutil. O comissário inglês responsável pela “ordem” na região de Umuófia projetava escrever um livro:

“Durante os muitos anos em que arduamente vinha lutando para trazer a civilização a diversas regiões da África, tinha aprendido várias coisas. [...] Enquanto percorria o caminho de volta ao tribunal, ia pensando em seu livro. Cada dia que passava trazia-lhe um novo material. A história desse homem que matara um guarda e depois se enforcara daria um trecho bem interessante. Talvez rendesse até mesmo um capítulo inteiro. Ou, talvez, não um capítulo inteiro, mas, pelo menos, um parágrafo bastante razoável. Havia tantas coisas mais a serem incluídas, que era preciso ter firmeza e eliminar os pormenores. [...] O comissário, depois de muito pensar, já havia escolhido o título do livro: **A pacificação das tribos primitivas do Baixo Níger.**” (Achebe, 1958 [2009], p. 231). [grifos meus]

A escrita e registro por parte desses agentes estatais colonizadores (antropólogos, missionários, comissários), tornou-se mais um dos mecanismos de colonização e subalternização, e por muito tempo, estabeleceu-se como as fontes legítimas das ontologias de diversos povos originárias do continente africano.

A obra de Okonkwo é uma daquelas literaturas autoexplicativas. Seu conteúdo e a narrativa ela mesma (recorrendo aos ditados, interrupções e outras formas de amarrar o texto) – coisas inseparáveis aqui – delineiam algo como uma teoria etnográfica: o conteúdo não pode ser descrito a não ser por meio de seus próprios termos. Não recorrerei a nenhuma teoria para explicar o livro, mas gostaria de apontar uma questão a ser pensada futuramente: quanto o mundo apresentado por Chinua Achebe ajuda-nos a pensar nesses outros mundos minoritários e suas ontologias que, até hoje, entram em choque e tencionam com a máquina colonizadora/estatal.

Referência bibliográfica:

ACHEBE, Chinua. **O mundo se despedaça**. Tradução: Verra Queiroz da Costa e Silva. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2009 [1958].